

A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES COM A INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS

FURTHER TRAINING OF TEACHERS TO INTEGRATION OF TECHNOLOGIES

Maíra Amélia Leite Weber - PUCPR¹ Marilda Aparecida Behrens - PUCPR²

¹ Jornalista e Mestre em Educação pela PUCPR. mairaweber@yahoo.com.br

² Doutora em Educação. Professora da Pós-Graduação em Educação da PUCPR. marilda.aparecida@pucpr.br

RESUMO

A relevância deste estudo se deve à importância de se fazer constantemente pesquisas sobre a formação continuada de professores, especialmente sobre os que utilizam novas tecnologias em sua prática pedagógica. Este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre como os paradigmas educacionais influenciam na formação dos docentes, fazendo uma investigação sobre a formação inicial dos professores, a formação continuada e a do desenvolvimento profissional. O fato de os professores estarem interagindo com as novas mídias e fazendo capacitações para seus manuseios facilita e condiciona o nível de aproveitamento da evolução tecnológica na sala de aula. E, com isso, possibilita uma autoavaliação de sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Formação continuada; paradigmas educacionais; professores; educação; tecnologia

Abstract

The relevance of this study is due to the importance of constantly doing research on the continued training of teachers, especially those who use new technologies in their pedagogical practices. This work intends to make a reflection on how certain educational paradigms influence the training of teachers, making an inquiry about the initial process of training, the continued training and professional development. The fact that teachers are interacting with the new medias and being trained for their use makes way

for the technological evolution in the classroom. And, as a result, it makes possible the self-assessment of their pedagogical practices.

1 Introdução

Este trabalho originou-se a partir de uma pesquisa que se deu para verificar como está o processo de formação continuada dos professores na atualidade, em especial, dos que utilizam a tecnologia em sala de aula. Inicialmente, perceber como os paradigmas educacionais que formam os docentes influenciam em suas práticas atuais originou este estudo e ampliou o caminho da investigação. A pesquisa se aprofundou ainda na formação inicial, continuada e do desenvolvimento profissional dos docentes. E, finalmente, foi enfocada neste trabalho, como se dá a CAPACITAÇÃO dos professores para o uso da tecnologia em sala de aula. A reflexão crítica das dificuldades existentes dentro do ensino que utiliza mídias, por si só, já deflagra professores interessados em construir saberes e transformar metodologias tradicionais de ensino. Os avanços científicos e tecnológicos pedem um novo olhar do professor e uma adequação do papel da escola.

2 A formação dos docentes e os paradigmas educacionais

Os paradigmas da ciência norteiam toda a sociedade e a educação, influenciando também a formação dos professores. Aqueles que foram ensinados a repetir padrões e conceitos, calcados pelo paradigma conservador costumam carregar em suas práticas métodos hierarquizados que geram alunos passivos que dificilmente questionam. E os docentes que têm sido formados no paradigma inovador transmitem seus saberes com criatividade, instigando os alunos à criticidade e ao aprendizado coletivo. Na concepção de Behrens (2007, p. 440):

O professor é influenciado pelo paradigma da sua própria formação, mas a concepção ou tendência pedagógica que caracteriza a ação docente pode ser modificada ao longo de sua trajetória profissional. [...] Os paradigmas determinam as concepções que os professores apresentam sobre a visão de mundo, de sociedade, de homem e da própria prática pedagógica que desenvolvem em sala de aula. [...] As abordagens paradigmáticas, conservadora e inovadora, permitem

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

apresentar as diferentes denominações para as ações que envolvem a qualificação de professores.

Sendo assim, já que a abordagem conservadora dominou a sociedade por muitos anos, é bastante comum encontrar educadores que se formaram a partir de estudos somente do conteúdo proposto, chamada de formação enciclopédica, sem nenhuma ênfase na prática. Ainda segundo Behrens (2007, p. 441):

A abordagem enciclopédica na docência acompanhou os professores por muitos séculos e carregou como maior herança o distanciamento entre teoria e prática e a reprodução do conhecimento. Na melhor hipótese, a prática foi apresentada como o saber fazer. O professor realizava a atividade e o aluno copiava ou imitava sem questionar. O preparo para ser professor, por muitos séculos, permaneceu focalizado exclusivamente no domínio do conteúdo. O docente precisava ter domínio do conhecimento para ministrar uma ou mais disciplinas.

Além de todas as influências que o paradigma newtoniano-cartesiano proporcionou na formação dos professores, é possível notar também algumas consequências na educação produzidas por outros acontecimentos históricos, como comenta Libâneo (1997, p. 85), a respeito dos cursos que formam os docentes no Brasil:

Têm sido numerosos os estudos sobre o curso de pedagogia e os cursos de formação de professores no Brasil, principalmente a partir do final da década de 70, quando o regime militar se vê forçado a propor a abertura política em face de dificuldades econômicas e políticas de se sustentar. Junto com o revigoramento das análises críticas da educação nacional, surgem estudos visando a propostas de reformulação do sistema de formação de educadores, principalmente por conta de se considerar o sistema político, até então vigente, produto de políticas antipopulares.

A ditadura no Brasil evidencia a importância da formação profissional, da qualificação, porém, com duas linhas: a de modelar as pessoas ou a de conformá-las. As modificações na sociedade originaram a automatização da força humana, no final do século XVIII. O crescimento das fábricas substituiu o trabalho das pessoas pelo das máquinas, fazendo parte do processo de industrialização. Neste período, também a educação sofreu influência da técnica. Tanto a revolução industrial como a ditadura moldaram novos

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

educadores, preocupados com a formação para competências técnicas, conforme afirma Moraes (1998, p. 39):

A técnica, ao servir de base para a Revolução Industrial, aumentou também o poder de manipulação do homem sobre a natureza. Uma população constituída de trabalhadores rurais foi sendo substituída por operários ocupados com a produção e a distribuição de bens industriais, em decorrência da aplicação real e efetiva dos conhecimentos técnico-científicos na indústria. [...] Foi a técnica produzida pela ciência, transformando a sociedade pelo desenvolvimento tecnológico, que, por sua vez, (sic) desenvolveu-se, ampliando e transformando a própria ciência.

Em grande parte do século XX os professores herdaram posturas newtoniano-cartesianas e mecanicistas em suas práticas. A formação dos docentes tinha como nomenclatura a palavra treinamento. Behrens (2007, p. 442) destaca que:

Na década de setenta do século XX, o *treinamento* veio atender ao modelo fordista de produção e visou preparar profissionais para executar uma determinada tarefa por meio da modelagem. A Revolução Industrial criou a exigência do desenvolvimento da competência técnica, que propõe o treinamento do profissional necessário para atuar em setores variados. A formação para competência técnica envolveu tanto o âmbito acadêmico como o âmbito empresarial, ambos ligados freqüentemente à necessidade de preparar mão-de-obra qualificada. [Grifo do original.]

As práticas docentes formadas no paradigma conservador também eram chamadas de capacitação, aparecendo muitas vezes nos meios industriais, nas empresas e até mesmo nas escolas. Behrens (2007, p. 442) também afirma que:

A capacitação tem como finalidade o acompanhamento e a qualificação de recursos humanos para repetir tarefas, em especial pela crescente e contínua evolução das tecnologias. A capacitação e a atualização dos profissionais tinham como objeto a preparação de pessoal habilitado para um determinado manejo ou técnica. A capacitação pode ser entendida como o convencimento ou persuasão, o que geraria um treino sem abordagem crítica e reflexiva.

Na abordagem tecnicista do paradigma newtoniano-cartesiano, os conceitos de eficiência e eficácia tornaram-se o foco do ensino, palavras que até os dias de hoje remetem a um ensino que visa à memorização e à

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

reprodução do conhecimento, como assegura Masetto (2005, p. 135), que esclarece:

Ainda hoje falar em eficácia e/ou eficiência do processo de aprendizagem causa calafrios em muitos educadores, seja pela lembrança desse período de tecnicismo, seja pela associação desses conceitos aos programas de Qualidade Total implantados nas empresas e transferidos diretamente para a escola, sem maiores análises críticas, como se a escola e a empresa se equivalessem em objetivos, organização, funcionamento e resultados, seja pela aproximação com o conceito das assim chamadas *escolas eficazes*¹ que para muitos se vinculam a uma proposta neoliberal para a educação.

Há muitos professores atuando baseados no paradigma conservador, repetindo na prática o que apreenderam com capacitações e treinamento, mas há os que desejam romper com esse tipo de prática. Assim, cabe a contribuição de Mizukami (1986, p. 30):

O ensino, para Skinner, corresponde ao arranjo ou à disposição de contingências para uma aprendizagem eficaz. Esse arranjo, por sua vez, depende de elementos observáveis na presença dos quais o comportamento ocorre: um evento antecedente, uma resposta, um evento consequente (reforço) e fatores contextuais. [...] Segundo essa abordagem, considerando-se a prática educacional, não há modelos ou sistemas ideais de instrução. A eficiência na elaboração e utilização dos sistemas, modelos de ensino, depende, igualmente, de habilidades do planejador e do professor.

Os docentes que vivenciam e admiram as novidades na sociedade da informação desejam ultrapassar os conceitos conservadores e trabalhar apoiados pelo paradigma inovador. Segundo Behrens (2007, p. 445):

A universidade nestes últimos trinta anos tem sido desafiada a ultrapassar a ideia de treinamento e capacitação como um bloco, num curto espaço de tempo, ofertado de maneira reduzida em pequenos cursos ou palestras. Esses encontros, em geral, focalizam a aquisição de informações. São momentos que poderiam ser ofertados como a fase inicial do processo formativo e não com o caráter terminal com que são propostos pelas instituições.

Alguns educadores têm a iniciativa de se aprimorar a respeito das novas tecnologias e materiais metodológicos para lecionar, mas grande parte deles, apesar de sofrerem pressão da sociedade, dos alunos e das escolas onde trabalham, lutam

¹ Grifo do autor

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

para manter suas práticas naquilo que já dominam, apoiados em ensinamentos conservadores.

Para que os docentes ensinem seguindo os preceitos da abordagem inovadora, devem se qualificar permanentemente e aderir a uma postura crítica, reflexiva e que visa à contínua transformação. É importante a batalha que se trava para que os professores superem os conceitos e as metodologias do paradigma conservador, tão presente e resistente para serem quebrados. Ainda de acordo com Behrens (2007, p. 445):

A prática pedagógica em todas as áreas de conhecimento tem sido desafiada pela necessidade de buscar o paradigma da complexidade na tentativa de superar a visão dualista e reducionista que ainda perdura na prática pedagógica de muitos professores que atuam nas universidades. [...] Este movimento de transposição de paradigmas advindos da ciência influencia também a Educação e leva a uma tendência de superação da abordagem conservadora e positivista para dar lugar a uma formação de professores que leve a uma nova maneira de investigar, de ensinar e de aprender.

Por mais que as práticas pedagógicas, em sua maioria, ainda se apoiem em metodologias tradicionais, o ensino pede que mudanças sejam feitas. Diante de tantas possibilidades tecnológicas que podem apoiar o professor em sala de aula, e diante de tantas mudanças, não se explica mais agir de acordo com a abordagem conservadora. Essas ideias podem ser esclarecidas por Moran (2005, p. 11):

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. [...] Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual.

A mudança paradigmática prevê que os professores reajam às metodologias de conformar e modelar e entrem realmente com uma transformação em suas práticas, na sociedade da informação. Mas, dentro da formação paradigmática de cada um, é carregado o aprendizado particular de cada vida.

Os profissionais devem se qualificar visando o processo de aprendizagem, e não o produto, pois a formação dos professores deve ser contínua e progressiva. Além disso, a teoria e a prática precisam estar juntas, para que o aprendizado seja contundente.

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

Em geral, a formação passa por três cenários que influenciam como será o caminho pelo qual seguirá o docente: o pessoal, o social e o profissional. Behrens (1996, p. 9) acredita que:

Na transformação por que passa a sociedade na sua realidade histórica, o professor tem que transpor dois desafios: um relaciona-se ao profissional, que enseja um realinhamento do seu papel como docente; o outro relaciona-se ao âmbito pessoal - e que envolve todas as profissões - na reconstrução de crenças, valores e convicções, que foram descaracterizados nestas últimas décadas no meio social. Assim, na realidade, não é raro defrontar-se com momento de radical confusão e desorientação em todas as instituições sociais e, em especial, nas instituições educacionais.

Em primeiro lugar, o professor tem de construir sua identidade pessoal, que acontece na vida de todos os seres humanos, na medida em que se relacionam e interagem com outras pessoas, com o mundo, com a sociedade. Assim, fatores biológicos, psicológicos e sociais contribuem para formar a individualidade de cada um. E a partir de cada ser, com sua identidade pessoal, nasce uma única identidade profissional. De acordo com Guimarães (2005, p. 59):

A identidade profissional do professor tem sido referida predominantemente à maneira como a profissão docente é representada, construída e mantida socialmente. [...] A identidade profissional que os professores individual e coletivamente constroem e a forma como a profissão é representada estão intimamente ligadas. Assim, as características que a profissão docente foi adquirindo historicamente e as formas objetivas que contribuíram para que essas características se formassem são interdependentes.

Sendo assim, os cursos de formação com todas as suas particularidades - se foi satisfatório ou não, o tempo que durou, as marcas que deixou etc. - representam um fator que contribui imensamente para a construção da identidade, tanto pessoal quanto profissional, dos docentes. Nóvoa (1992, p. 24) afirma que “A formação de professores tem ignorado, sistematicamente, o *desenvolvimento pessoal*, confundindo ‘formar’ e ‘formar-se’, não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação.” Portanto, com suas vivências pessoais e profissionais, os professores da atualidade estão adquirindo sua formação mergulhados num universo imenso de possibilidades, de estímulos. Quebrar com o paradigma conservador é urgente, e formar alunos reflexivos, quase uma consequência dos novos tempos.

3 A formação dos professores

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

A formação dos professores, de acordo com Behrens (1996), se divide em inicial e continuada. Mais tarde, Day (2001) propõe que a qualificação dos docentes ainda abrange a totalidade do desenvolvimento profissional de cada um. Mesmo com a indicação de diferentes fases, é notado que a formação e o aprendizado dos professores precisam ser contínuos, e devem ser de qualidade em todas as etapas da aprendizagem.

3.1 Formação inicial

A formação inicial dos docentes acontece, na maioria das vezes, logo após a graduação, seja nos cursos de licenciatura, seja no de pedagogia, pois o conteúdo obtido na graduação não pode ser considerado como o ponto final do aprendizado para uma pessoa trabalhar como professor.

Um dos primeiros erros na formação inicial dos docentes é acreditar que podem transmitir o conteúdo e estar longe do que acontece no cotidiano do trabalho de fato. Teoria e prática não podem estar dissociadas, “precisam interpenetrar-se, interligar-se, possibilitando ao profissional conhecimento e atuação numa realidade concreta. O compromisso visado é o profissional envolvido com a práxis” (Behrens, 1996, p. 124).

O professor que obtiver o máximo de contato com as atividades práticas pode investigar melhor seu campo de atuação e utilizar a teoria para embasar com mais propriedade sua metodologia. E, muitas vezes, o estágio realizado no período da graduação foi o primeiro contato com a profissão, mas este pequeno período não consegue suprir a necessidade de conhecer como funciona o dia a dia do trabalho de um docente.

Muitos professores têm sua primeira formação de diferentes maneiras. O fato é que todos são qualificados a partir de uma visão específica trazida pelo docente que o formou, com um paradigma que o constituiu. Estes professores de primeira viagem acabam por repetir em sua prática aquilo que aprenderam com seus docentes.

O processo de qualificação docente deveria passar por um leque de informações que pudessem dar conta de todas as necessidades que o professor tem ao ensinar. A formação docente precisa ser ampla, variada e complexa, como propõe Behrens (2007, p. 448):

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

A entrada na carreira profissional precisa ser preparada para atender aos docentes e deveria ser uma meta contínua das instituições. [...] O momento inicial da atividade profissional do professor demanda uma formação que envolve um enfoque multidimensional, ou seja, uma interconexão entre o científico, o político, o afetivo e o pedagógico. Esses enfoques estão ligados diretamente com o conjunto de competências que compõem a qualificação do docente como pessoa e como profissional.

Muitas vezes, os professores que estão começando a trabalhar em uma instituição de ensino são acolhidos num primeiro momento pela gestão e soltos em sala de aula sem maiores orientações. E, depois, nunca mais recebem retorno nem cuidados para tirar dúvidas ou esclarecer fatos.

Além disso, o docente assume um papel delicado quando inicia suas atividades, aparentando, muitas vezes, a figura de um aluno, e precisa rever o que aprendeu para atuar em sala, dando-se conta de seus erros, do que precisa mudar e da fragilidade de seu ensino.

E este mesmo professor ainda tem de se relacionar com outros professores que trabalham na mesma escola, alguns também iniciando suas carreiras, outros já maduros na profissão. É comum se sentir deslocado ou desprezado. Assim, a “necessidade de construir soluções rápidas e o fato de se sentir sozinho para fazê-lo, levam-no a incorrer em práticas que ensejam a repetição e a reprodução dos conhecimentos, tornando o saber estático e dogmático” (Behrens, 1996, p. 127).

Deste modo, o docente deve buscar em sua formação inicial um curso que desenvolva não só suas competências para trabalhar em uma escola, mas autonomia para decidir, sozinho, questões que aparecerão no cotidiano. Daí a importância de buscar, lado a lado com o profissional, o desenvolvimento pessoal. Segundo André (2008, p. 59): “Os cursos de formação têm um importante papel: o de desenvolver, com os professores, essa atitude vigilante e indagativa, que os leve a tomar decisões sobre o que fazer e como fazer nas suas situações de ensino, marcadas pela urgência e pela incerteza.”

É comum, também, que o jovem professor não encontre muito tempo para destinar à melhoria de sua formação. A jornada de trabalho costuma ser intensa, com uma distribuição de horários de aulas que invalida qualquer aprimoramento de sua prática, seja por meio de uma leitura, um curso ou

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

uma pesquisa. Ainda de acordo com André (2008, p. 60), é preciso que o professor tenha:

Formação adequada para formular problemas, selecionar métodos e instrumentos de observação e análise; que atue em um ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo; que tenha oportunidade de receber assessoria técnico-pedagógica; que tenha tempo e disponha de espaço para fazer pesquisa; que tenha possibilidade de acesso a materiais, fontes de consulta e bibliografia especializada.

Este despreparo acaba comprometendo a prática do profissional iniciante, dando espaço para improvisações e perda do controle de um trabalho que foi estudado e preparado. Todas as dúvidas que surgirem no trabalho em sala do jovem docente podem e devem ser retiradas no espaço destinado a isso, que é a sala dos professores. Quando o profissional iniciante não encontra ajuda para auxiliar sua prática pedagógica, acaba por repetir métodos de antigos professores. Assim, torna-se importante:

Criar espaços de reflexões partilhadas dos jovens professores com os seus pares, que permitam a explicitação dos encontros e desencontros na prática pedagógica. A condição inovadora e significativa para o desenvolvimento profissional dos docentes está calcada na existência destes espaços de reflexão compartilhados, que busquem permanentemente oportunizar o questionamento das dificuldades encontradas em sala de aula (Behrens, 1996, p. 129).

Ter o hábito de promover discussões em grupo para partilhar dúvidas e compartilhar informações a respeito da prática e como ela é exercida, é um meio eficaz para capacitar permanentemente os jovens docentes. O processo de formação inicial não pode e não deve ser interrompido jamais.

Marcelo Garcia (1992) propõe a criação de um profissional que possa acompanhar o trabalho do jovem professor. É o *Mentor*, que poderá sugerir leituras e novas práticas para o desempenho do novo docente, e também esclarecer informações sobre a escola e sobre o sistema educacional. Além disso, o *Mentor* poderá ser “um professor com larga experiência docente que dará o seu apoio aos professores principiantes e com eles desenvolverá ciclos de supervisão clínica” (Nóvoa, 1992, p. 67).

É preciso que a formação inicial de um professor seja ampliada. O jovem docente precisa ser mais bem preparado, com uma gama maior de informações em áreas e ramos de atividades.

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

Além disso, não só os alunos que estão recebendo sua primeira formação - mas também seus professores - deveriam perceber que não basta apreender o conteúdo, mas em essencial ter a noção da urgência em reconfigurar sua identidade como profissional de educação, em se especializar além da matéria em que está se formando para lecionar. Libâneo (1997, p. 124) esclarece:

Impõe-se, assim, de forma crucial a reconstrução da pedagogia e a ampliação do campo de ação profissional do pedagogo (especialista em educação) paralelamente a um expressivo esforço de organização de um sistema nacional de formação inicial e continuada de professores para o ensino fundamental e médio. [...] Há, assim, evidências de que a Pedagogia e o curso de formação profissional que lhe corresponde não só não esgotaram suas possibilidades de investigação teórica como têm pela frente grandes tarefas sociopolíticas.

A formação inicial, como o nome sugere, deve ser somente o começo de toda uma preparação para uma carreira. O jovem professor precisa ser instigado a se preparar melhor, a se envolver com a escola, a se questionar incessantemente sobre sua profissão e sobre a educação, num âmbito menor - em sua sala, e amplamente, no país. O docente que está iniciando sua vida profissional deve estar pronto para participar de discussões com seus pares, sempre visando um melhor cotidiano e relacionamento com seus alunos e colegas.

3.2 Formação continuada

A formação continuada, contínua ou em serviço é definida como aquela que subsidia as necessidades que o professor tem de se atualizar constantemente acerca de informações a respeito de suas atividades, durante sua trajetória profissional. O professor deve, ao longo de sua vida docente, refletir e debater sobre sua prática educacional e possíveis transformações que podem ocorrer. Behrens (2007, p. 448) afirma que:

A formação contínua, continuada ou em serviço ao longo da carreira, demanda o levantamento das necessidades dos professores universitários e a proposição de sessões contínuas de discussão e reflexão sobre as possibilidades de mudança. Este movimento precisa contemplar a possibilidade de oferecer metodologias que focalizem a produção de conhecimento significativo para construir

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

uma formação que leve ao desenvolvimento pessoal, social e profissional como cidadão.

Torna-se relevante que sejam ofertadas, dentro do espaço escolar, possibilidades de encontrar, individualmente ou, principalmente, coletivamente, alternativas para a melhoria da prática pedagógica. Devem ser levadas em conta as necessidades dos docentes para a criação de capacitações continuadas.

Sendo assim, os cursos de formação profissional teriam de ser requeridos pelos professores, e mais, planejados e propostos por eles, para que desta forma eles pudessem participar e mapear a construção de materiais que de fato transformem sua metodologia e que sejam pertinentes para o que estão precisando na época:

Os projetos de formação do profissional do magistério normalmente são planejados e executados por grupos de especialistas. [...] Devido ao grande número de professores convocados, em função da metodologia adotada, não há possibilidade do envolvimento dos docentes. A atitude destes é a de ouvir e depois reproduzir a proposta anunciada. [...] Os professores não são ouvidos sobre as suas dificuldades e expectativas, as propostas são autoritárias (Behrens, 1996, p. 133).

Além disso, o docente também precisa dispor de tempo para se qualificar, de flexibilidade de horários, de uma ampla oferta de possibilidades, além de ter a oportunidade de se aprimorar em espaços físicos adequados e ter materiais de apoio condizentes para a melhoria da prática pedagógica.

Por outro lado, é importante ressaltar que o professor se enriquece de saberes que possam elevar sua capacidade profissional não só se aprimorando na ciência que leciona, mas apreendendo conteúdos que sejam capazes de melhorar sua prática pedagógica, seu modo de ensinar, de transmitir conhecimentos para outras pessoas. Libâneo (1997, p. 109) destaca que a pedagogia tem seu campo particular de investigação, que precisa ser amplamente aprofundado por quem atua em sala de aula, antes de optar por valorizar o conhecimento acerca das demais disciplinas:

Não se trata de requerer à pedagogia exclusividade no tratamento científico da educação; quer-se, no entanto, reter sua peculiaridade em responsabilizar-se pela reflexão problematizadora e unificadora dos problemas educativos. [...] A multiplicidade de enfoques e análises que caracteriza o fenômeno educativo não torna desnecessária a pedagogia, antes ressalta seu campo próprio de investigação para clarificar seu objeto, seu sistema de conceitos e sua metodologia de investigação, para daí poder apropriar-se da contribuição específica das demais ciências.

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

Os pedagogos precisam ser preparados para atuar como mediadores dos processos de formação tanto inicial como continuada. Os profissionais liberais que atuam como docentes devem perceber que não basta um diploma universitário ou um título de doutorado ou mestrado, mas, sim, é preciso haver capacitação específica e formação educacional para trabalhar em sala de aula. Neste caso, a qualificação continuada é imprescindível, principalmente na área pedagógica. Antes de tudo, a competência para dar aula deve primar pelo melhor jeito de ensinar, de fazer com que os alunos adquiram um conhecimento de qualidade.

As instituições de ensino deveriam investir constantemente na formação de seus professores. Muitos deles acreditam que, para dar aula, basta repetir a metodologia, os livros e as atividades de antigos docentes. Deste modo, o paradigma conservador se instaura e as exigências da sociedade da informação e da globalização passam longe, tornando a prática destes professores inerte e vazia:

Para mudar, o professor precisa de acompanhamento e de orientação pedagógica, além de muito tempo de leitura e dedicação. A passagem de uma abordagem conservadora para uma inovadora exige novos processos. [...] Devem buscar ações que provoquem o professor e o aluno a produzir, questionar, refletir, construir, criar ou projetar para produzir o conhecimento. Especialmente, precisam de momentos de troca e de discussão com seus pares para manter a proposta e não recuar ao primeiro imprevisto que aparece em sua jornada (Behrens, 2007, p. 451).

Para que a mudança paradigmática aconteça é preciso que os docentes absorvam ao máximo o conteúdo das formações continuadas e apliquem em suas metodologias as vivências que ali passaram. Antes disso, o profissional de educação necessita de mais oportunidades para se capacitar, com o apoio devido dos órgãos de controle e das universidades. E, ainda, o professor precisa ter a chance de se desenvolver no âmbito pessoal e de trabalho, reunindo-se com seus pares e refletindo, sempre, sobre novos caminhos e urgências. A partir daí, práticas pedagógicas inovadoras aparecerão e alunos críticos, reflexivos e criativos surgirão.

3.3 Formação do desenvolvimento profissional

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

A formação do desenvolvimento profissional se dá durante toda a vida do professor e atravessa toda a sua carreira, integrando a área técnica em que atua, a sua atuação política escolar, o exercício da cidadania e o aprofundamento pedagógico, além de sua qualificação incessantemente no âmbito pessoal.

O desenvolvimento profissional permanente, segundo Day (2001), precursor desta designação na formação dos professores, engloba a totalidade do corpo docente, já que é necessária uma atualização constante no que diz respeito ao aprendizado, pois exige que os profissionais sejam “emocionalmente inteligentes, que sejam formados para pensar, reflectir, avaliar, procurar e proporcionar oportunidades de desenvolvimento de realização individual, que desafiem e apoiem cada aluno” (Day, 2001, p. 319).

No desenvolvimento profissional, o professor deve se aprimorar constantemente, durante toda a sua carreira, para assim se reciclar, informar-se sobre as transformações, adquirir novos saberes, questionar-se, inteirar-se sobre as perspectivas da área e alterar seu modo de ver e de atuar como profissional da educação.

A docência envolve ainda habilidades comunicativas e de relacionamento essenciais para o desenvolvimento de aprendizagens individuais e coletivas. O envolvimento e o compromisso com as aprendizagens do aluno podem ser fundamentais para o sucesso da formação continuada dos professores, pois estes docentes entendem que seus papéis enquanto profissionais vão além de ensinar na sala de aula, mas precisam provocar aprendizagens que preparem o aluno para a vida (Behrens, 2007, p. 452).

O foco do professor que almeja estar sempre em um processo de formação deve ser o aluno. Com esta visão, o docente percebe que pode e precisa ininterruptamente aprender novos conhecimentos, ter contato com linguagens inéditas, experimentar mídias nunca usadas em sala, enfim, ouvir a demanda de seus discentes. Os professores precisam ser:

Bem informados, mas respeitadores daqueles ignorantes... amáveis e atenciosos, mas exigentes e severos se a situação assim o exigir... inteiramente livres de preconceitos e absolutamente justos na forma de lidar com os outros... atentos às necessidades individuais dos alunos, sem negligenciar a turma como um todo... capazes de manter a disciplina e a ordem, embora permitindo a espontaneidade e fantasia... otimista e entusiasta, mesmo acalentando dúvidas e

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

apreensões pessoais... capazes de lidar com o imprevisto (Jackson in Day, 2001, p. 38).

A fase do desenvolvimento profissional começa quando o professor inicia suas atividades em sala de aula, mas nunca termina. Exige do docente um eterno pensar, uma perpetuação de estar pronto para se qualificar, de estar atento ao rumo político na educação, de se capacitar tecnicamente sempre que for preciso, de saber que sempre pode se desenvolver mais, como afirma Behrens (2007, p. 454):

O desenvolvimento profissional baseado na reflexão exige encontros periódicos e contínuos para dar voz aos professores e assim provocar o processo individual e coletivo de transformação. A construção de história de vida dos docentes tem aparecido como possibilidade de iniciar e interpretar o significado da realidade que os rodeia e pode tornar-se estratégia para provocar o envolvimento contínuo e o apoio mútuo entre os professores.

Na verdade, os processos de uma adequada formação inicial e continuada acabam por refletir um bom desenvolvimento profissional na carreira dos docentes. A reflexão e o investimento das instituições de ensino e dos órgãos governamentais em qualificações que permitam uma transição do paradigma conservador para o inovador precisam ser incentivados. Só assim teremos professores mais comprometidos e alunos mais bem preparados.

4 A formação dos professores com a integração de tecnologias

O uso de tecnologias digitais é muito recente na nossa sociedade. Mas a utilização de meios que pudessem auxiliar na prática educacional é antiga: quadro negro, giz de cera, cartaz, livro didático, mapa e caderno são tecnologias que sempre estiveram presentes nas salas de aula. Mais tarde, o uso do rádio, da televisão, das fitas de vídeo, da transparência e do retroprojetor, por exemplo, também se tornou freqüente.

Entretanto, nos dias de hoje os recursos para obter e para dar informações são muitos, e outros tantos ainda estão por chegar ao mercado. A necessidade de se atualizar e de conhecer tudo o que há na área de recursos tecnológicos é incessante e contínua. E a noção de que muitos destes recursos

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

podem ser amigos do aprendizado ainda é distante e causa medo na maioria dos docentes.

Se todos os artefatos tecnológicos são muito novos e, muitas vezes, desconhecidos pelo cidadão em geral, não poderiam deixar de ser para o professor, especialmente para o que exerce sua docência no ensino público brasileiro, tão dependente de decisões governamentais e de investimentos para aprimorar suas condições de trabalhar em sala de aula. Aliás, a própria pedagogia sofre para se aprimorar e para receber estímulos de investimentos em processos de formação continuada. Libâneo (1997, p. 120) comenta que:

A pedagogia no Brasil vive um grande paradoxo: enquanto se verifica uma intensa pedagogização da sociedade com o impacto das inovações tecnológicas, da informática, dos meios de comunicação da difusão cultural e científica e da propaganda, no meio educacional a pedagogia encontra-se no descrédito, assim como a atividade docente.

A pedagogia precisa continuar exercendo uma postura crítica, ainda mais em meio a tantas mudanças e modernidades. Nos últimos 30 anos, a visão tecnicista para a utilização de tecnologia dominou a área educacional no Brasil. Para os governantes, as escolas que recebessem máquinas e programas de computador eram consideradas como centros educacionais bem preparados e inseridos no processo de desenvolvimento. Mas, desde aquela época, os professores não foram capacitados para trabalhar com a tecnologia, e, pior ainda, não foram consultados sobre seu uso.

Atualmente, a informática e a mídia não podem mais ser separadas do ambiente escolar. Os docentes que querem atuar com criatividade, criticidade e o máximo de possibilidades para o melhor aprendizado de seus alunos devem inserir em suas práticas pedagógicas a utilização de recursos modernos. Sendo assim, Behrens (2007, p. 450) afirma:

Esses processos metodológicos precisam incluir o novo cenário tecnológico disponível que possibilite o acesso à informação e a produção do conhecimento. Os recursos tecnológicos quando bem utilizados a serviço da aprendizagem são possibilidades didáticas e formativas. Assim, uma prática pedagógica inovadora inclui propostas que permitam desenvolver as novas tecnologias da informação e da comunicação no sentido de ampliar os recursos de aprendizagem.

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

Nos dias de hoje, professores que têm a oportunidade de serem formados continuamente, e que são capacitados para utilizar ferramentas tecnológicas como auxílio na transmissão de conteúdo no processo de ensino-aprendizagem, conseqüentemente, trabalham com práticas inovadoras e resultados muito positivos em sala de aula:

Essas novas tecnologias cooperam para o desenvolvimento da educação em sua forma presencial (fisicamente), uma vez que podemos usá-las para dinamizar nossas aulas em nossos cursos presenciais, tornando-os mais vivos, interessantes, participantes, e mais vinculados com a nova realidade de estudo. [...] Como tecnologias, porém, sempre se apresentam com a característica de instrumentos, e, como tais, exigem eficiência e adequação aos objetivos aos quais se destinam (Masetto, 2005, p. 152).

Para utilizar tecnologia em sala de aula, primeiramente, o professor deve, de acordo com Leite (2003), sofrer uma “alfabetização tecnológica”. Assim, o docente poderá aprender contínua e crescentemente, a usar criticamente as mídias existentes no ambiente escolar e na sociedade.

Na década de 1980, surgiu o termo “Tecnologia Educacional”, que, segundo o autor, é “fazer-se educação contextualizada com as questões sociais e suas contradições, visando o desenvolvimento integral do homem. [...] não basta utilizar tecnologia, é necessário inovar em termos de prática pedagógica” (Leite, 2003, p. 12).

O professor que se apoia numa prática de ensino baseada no paradigma conservador não só abole de seu cotidiano educacional o computador, a televisão, a pesquisa na internet etc. como afasta de sua metodologia, as tecnologias simples, como um mapa ou um livro. Ainda segundo Leite (2003, p. 74), as tecnologias deveriam estar nas escolas para:

a) diversificar as formas de atingir o conhecimento; b) ser estudadas, como objeto e como meio de se chegar ao conhecimento, já que trazem embutidas em si mensagens e um papel social importante; c) permitir ao aluno, através da utilização da diversidade de meios, familiarizar-se com a gama de tecnologias existentes na sociedade; d) serem desmistificadas e democratizadas. Para isso o professor deve ter clareza do papel delas enquanto instrumentos que ajudam a construir a forma de o aluno pensar.

Para que o professor altere sua atitude em sala de aula, o primeiro passo é refletir sobre quais caminhos podem levá-lo a uma mudança de fato. E estas transformações, quando vierem, acontecerão de maneira coletiva e

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

gradual. O docente precisa estar disponível para aprender sempre, e, assim, ensinar e aprender de volta aos seus alunos.

5 Considerações finais

Uma das possíveis alternativas para que o professor repense suas atitudes é encontrar em seus pares ouvidos atentos para discussões que o levem a produzir conhecimento, a criticar antigas verdades, a alterar o que for preciso no sistema educacional. E nesse caminho de mudanças, de busca por uma prática inserida no paradigma inovador, os recursos tecnológicos oferecem muito auxílio, como afirma Behrens (2007, p. 448):

A compreensão do professor enquanto profissional que atua na escola inclui a atitude reflexiva sobre os paradigmas inovadores que caracterizam a docência. As possibilidades de optar por metodologias de ensino transformadoras incluem a utilização de recursos tecnológicos com criticidade, além do necessário conhecimento sobre a disciplina que o docente se propõe a trabalhar.

Deste modo, o professor não deve mais fechar os olhos para as novidades que surgirão com o advento da globalização. Ao contrário, o docente deve pesquisar sobre as modernidades, sobre os recursos metodológicos de multimídia e informática. Deve, além de utilizar os meios eletrônicos para obter mais informações, inserir tecnologia em sala de aula, debater com os alunos, conhecer novos recursos com eles:

O professor deve reconhecer que estes estudantes trazem consigo uma bagagem de conhecimento que não pode ser ignorada. O docente deverá ser capaz de valorizar os referenciais que os alunos construíram em suas vidas e desencadear processos para que estes alunos articulem esses referenciais com os conhecimentos propostos na sala de aula (Behrens, 1996, p. 40).

Portanto, os próprios professores precisam se dar conta de que os alunos são de extrema importância para mobilizar mudanças em metodologias conservadoras na sala de aula. O docente deve estar aberto a aprender com seus alunos, e a escola deve deixar que a tecnologia e os recursos que podem transformar a prática do corpo docente entrem e se instalem no dia a dia educacional. Os meios digitais, as mídias e uma infinidade de recursos, cada qual com sua riqueza e possibilidade de uso com viés educativo, devem ser valorizados:

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

As novas tecnologias terão que ser exploradas com esse intuito. Assim, por exemplo, elas deverão ser utilizadas para valorizar a autoaprendizagem, incentivar a formação permanente, a pesquisa de informações básicas e das novas informações, o debate, a discussão, o diálogo, o registro de documentos, a elaboração de trabalhos, a construção da reflexão pessoal, a construção de artigos e textos. Elas deverão ser utilizadas também para desenvolver a interaprendizagem: a aprendizagem como produto das interações entre as pessoas (Masetto, 2005, p. 153).

Infelizmente, não só os professores resistentes precisam rever e questionar suas práticas e se atualizar acerca do uso de recursos tecnológicos na prática educacional. As universidades e os órgãos governamentais competentes deveriam apoiar processos de formação continuada condizentes com as necessidades reais dos docentes. Os professores não precisam apenas ser capacitados a usar máquinas, entender de programas de computadores e acessar a internet - mas essas formações, desde que de qualidade, são fundamentais. Os professores precisam ser incluídos digitalmente. Mas, para isso, primeiramente, precisam ter voz. Precisam ser inseridos na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Formação continuada dos professores e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1996.

_____. O paradigma da complexidade na formação e no desenvolvimento profissional de professores universitários. *Educação*. Porto Alegre, ano 30, v. 63, n. 3, p. 439-455, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2742/2089>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.

DAY, Christopher. *Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto, 2001.

GUIMARÃES, Valter Soares. *Formação de professores: saberes, identidade e profissão*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2005.

LEITE, Ligia Silva (Coord.). *Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LIBÂNEO, José C. Educação: pedagogia e didática - o campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil - esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 77-129.

A formação continuada dos docentes com a integração de tecnologias

MARCELO GARCÍA, Carlos. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. IN: NÓVOA, António. (Org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1997. p.51-76.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo, EPU, 1986.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998 (Coleção Práxis).

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; NÓVOA, António (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Cortez, 1997.